

MICROSCÓPIO

Há uma revista que é talvez sem par. Refiro-me a "Seleções do Reader's Digest". Já por sua idéia fundamental, escolher e resumir o que melhor se edita em publicações periódicas, já pelo critério que preside à escolha dos artigos, já pela mestria com que são feitos os resumos, já pela elevada orientação geral que a impregna, constitue uma leitura útil, atraente e edificante. Se a isto se acrescentar que a edição brasileira se vende por preço verdadeiramente popular, ter-se-ão os principais méritos desta revista.

Mas... não há bela sem senão. Traduzir é uma das mais árduas tarefas. Exige saber e consciência. E traduzir sob a premência do tempo, para uma publicação que tem data marcada, torna-se ainda mais difícil. Entretanto, encontram-se, em "Seleções", artigos muito bem postos em linguagem portuguesa. Ao lado destes, porém, outros existem que merecem reparos, e reparos tanto mais justificados e necessários, quanto enorme é a difusão da revista entre nós.

Não cabe aqui fazer uma lista das incorreções. Citarei apenas dois casos.

E' preceito solidamente estabelecido que se dê feição vernácula aos estrangeirismos aceitos em nossa lingua, incorporados já ao seu patrimônio. Mas isto só se entende com os estrangeirismos indispensaveis, sem nenhuma correspondência no idioma e que, por consenso geral, já dele façam parte. A não ser nestas condições, as expressões estranhas, que a necessidade e o bom ou mau gosto dos escritores levem a empregar, deverão aparecer na sua forma original e devidamente grifadas. Ora, em "Seleções" e em a nossa imprensa, em geral, não se faz tal discriminação: todas as expressões estrangeiras aparecem vestidas à portuguesa, dando da nossa lingua uma expressão estranha: abajur, coquetel, time.

Muito mais sério é o outro caso que vou indicar. Nenhum estudante de primeiras letras ignora que em português, pelo menos no português de vários séculos para cá, a forma nominativa do pronome êle, elas, êles, elas não se pode empregar como objeto. "Vi êle" é erro crasso, que não se perdoa em nossas escolas primárias. E, como está muito difundido em nosso país, consideram-no um brasileirismo. E o é, realmente, mas brasileirismo da infima classe, que não tem acesso na linguagem literária, nem sequer na fala corrente das pessoas medianamente letradas. Entretanto, há pelo menos um redator de "Seleções" que faz garbo deste solecismo. Tomo, apenas, um dos exemplos que se encontram em cada número: "Pomos êles no caixão vertical. Ou penduramos êles do teto".

A mim me parece simplesmente irritante este deliberado barbarismo. Mas não é para descarregar esta irritação que aponto o caso, sendo simplesmente para despertar o senso de responsabilidade dos redatores da edição portuguesa, pois "Seleções", por sua enorme circulação, pode concorrer poderosamente para um maior abastardamento do vernáculo.

RAUL PILLA